

TRADUÇÃO

OBSERVAÇÕES SOBRE A HISTÓRIA

Voltaire (Tradução de Maria das Graças de Souza)¹

Apresentação

Este texto foi publicado pela primeira vez em Genebra, em 1742. O interesse de Voltaire pelas questões da história e da historiografia já se fazia sentir desde o seu poema sobre a Liga, a *Henriade*, de 1723, nas notas publicadas ao final do volume, nas quais o autor mostra que a redação do poema épico havia sido preparada por uma pesquisa em fontes documentais da época de Henrique IV. Entre as décadas de 1730 e 1740, Voltaire escreveu *A História de Carlos XII*, *O Século de Luís XIV*, o *Ensaio sobre a história universal*, que se tornou o *Ensaio sobre os costumes*, a *História da guerra de 1741*, e manifesta a intenção de escrever o que será a *História do império russo sob Pedro o grande*. Ele faz tudo mais ou menos ao mesmo tempo: manda buscar documentos, anuncia uma obra, revisa outra, completa outra ainda para uma nova edição. Numa atividade febril que lhe é própria, Voltaire escreve peças de teatro, das quais, aliás, o tema da história não está ausente. São desta época *Brutus*, *La pucelle d'Orleans* ou *Joana D'Arc*, *Zaira*, que se passa em Jerusalém da época das Cruzadas e *Alzira*, que se passa no Peru, durante o início da colonização espanhola. Sem contar que no mesmo período ele publicou as *Cartas Inglesas*, que, de algum modo, podem ser consideradas como um ensaio de história contemporânea.

As *Observações sobre a história* se apresentam como uma crítica à historiografia antiga, e sobretudo às compilações da história da antiguidade, publicadas em seu tempo. O elemento principal do texto remete às críticas de Voltaire ao que ele mesmo denominara “história fabulosa”. Assim, ele aponta o fato destes livros concederem à história do povo bíblico um papel central na história geral da humanidade, o que implica que consideram como genuinamente histórico o relato das escrituras, além de retomarem fábulas dos povos antigos como se fossem verdadeiras.

¹ - Tradução, apresentação e notas de Maria das Graças de Souza. O texto foi traduzido a partir da edição *Oeuvres Complètes de Voltaire*, Imprimerie de la Société littéraire Typographique, 1785, Ed. Kehl, tomo XXVIII.

Um personagem seu contemporâneo encarna perfeitamente estas perspectivas que Voltaire quer atacar: trata-se de Charles Rollin, que havia publicado entre 1730 e 1738 uma *História antiga* em 13 volumes². Voltaire o elege como o representante da “história fabulosa” e sobretudo como representante da teologia cristã da história. Os leitores de Voltaire sabem muito bem o que acontece com quem cai em desgraça sob a sua pluma.

A contrapartida da crítica, nas *Observações*, é o elogio voltaireano da historiografia moderna e dos povos modernos. Isto se explica na perspectiva de uma filosofia da história cuja noção central é a ideia de progresso: os historiadores modernos são melhores do que os antigos, e os povos modernos são melhores do que seus antecessores. Quanto ao conhecimento dos povos antigos, ele pode ser tema de nossos poemas, de nossos quadros, de nossas conversações; dele se podem tirar algumas lições morais, não mais do que isto.³

² Rollin, Charles, *Histoire ancienne des Égyptiens, des Carthaginois, des Assyriens, des Babyloniens, des Mèdes et des Perses, des Macédoniens, des Grecs...*, Paris, 1730-1738, 13 vol.

³ Voltaire, *Nouvelles considérations sur l'histoire*, in *Oeuvres historiques*, Paris, Gallimard, Bibliothèque de la Pléiade, 1957, p. 49.

OBSERVAÇÕES SOBRE A HISTÓRIA

Voltaire

Quando é que vão parar de nos enganar sobre o futuro, o presente e o passado? O homem deve ter nascido para o erro, já que, neste século esclarecido, tem-se tanto prazer em nos declamar fábulas de Heródoto e até mesmo fábulas que ele jamais teria ousado contar para os gregos.

O que se ganha nos repetindo que Menés era filho de Noé? ¹ E por qual excesso de injustiça podemos zombar das genealogias de Moreri², se fabricamos outras parecidas? É certo que Noé enviou sua família para viajar para longe: seu neto Menés para o Egito, seu outro neto para a China, não sei qual outro neto para a Suécia, e um caçula para a Espanha. Naquele tempo, as viagens formavam os jovens bem melhor do que hoje. Em nossas nações modernas, foram necessários dez a doze séculos para que nos instruíssemos um pouco sobre a geometria. Mas estes viajantes dos quais se fala, mal tinham chegado em países incultos e lá já se previam os eclipses. Pelo menos não se pode duvidar que a história autêntica da China só relata cálculos sobre os eclipses há mais ou menos quatro mil anos. Confúcio cita trinta e seis, dos quais os missionários matemáticos verificaram trinta e dois. Mas estes fatos não embaraçam os que transformaram Noé em avô de Fo-Hi³, pois nada os embaraça.

Outros adoradores da antiguidade nos fazem considerar os egípcios como o povo mais sábio da terra, porque, se diz, entre eles os padres tinham muita autoridade. E ocorre que estes padres tão sábios, estes legisladores de um povo sábio, adoravam macacos, gatos e cebolas. Por mais que se admire a beleza das obras egípcias, aquelas que nos restaram são massas informes, A mais bela estátua do antigo Egito não chega perto da obra mais medíocre de nossos artistas. Foi necessário que os gregos ensinassem a Escultura aos egípcios. Nunca houve no Egito nenhuma boa obra, a não ser da mão dos gregos. Dizem-nos: que conhecimento prodigioso! Os egípcios tinham uma astronomia! Os quatro lados de uma

¹ Com efeito, em sua *Histoire ancienne*, Rollin afirma que “todos os historiadores concordam que Menés é a mesma pessoa que Mesraim, filho de Cam. Cam era o segundo filho de de Noé, que teria ido para a África, e lá se fez adorar como deus, sob o nome de Jupiter Amon.” (Rollin, tomo I. p. 156). Para Voltaire, o primeiro grande equívoco de Rollin é o de tomar o relato bíblico com o relato histórico, ao passo que este relato deve ser considerado da mesma natureza de outros relatos sobre as origens presentes em todos os povos antigos.

² Louis Moreri, autor do *Grand Dictionnaire historique*, editado em 1674 e republicado mais vinte vezes até 1759.

³ Fo-Hi, lendário imperador chinês. De fato, no esforço de remeter toda a história universal à história judaico-cristã, muitos exegetas situaram Fo-Hi entre os descendentes de Noé. Ver Voltaire, *Oeuvres historiques*, Op. Cit, p. 1669.

grande pirâmide estão virados para os quatro cantos do mundo! É este o grande esforço da astronomia? Estes egípcios eram como os Cassini, os Halley, os Kepler, os Ticho-Brahe? Esses simplórios contavam a Heródoto que o Sol, em onze mil anos, tinha se posto duas vezes no lugar em que nasce. Esta era a sua astronomia.

O senhor Rollin repete que abrir e fechar as eclusas do lago Moeris custava cinquenta mil escudos⁴. O senhor Rollin é dispendioso em eclusas e se engana em aritmética. Não há nenhuma eclusa que não se possa abrir por um escudo, a menos que seja muito mal feita. Ele diz que custava cinquenta talentos abrir e fechar estas eclusas. Deve-se saber que, no tempo de Colbert, o talento era avaliado em três mil libras francesas. Rollin não percebe que desde aquele tempo o valor numérico de nossas moedas quase dobrou e que, assim, abrir e fechar as eclusas do lago Moeris deveria custar, na sua opinião, mais ou menos noventa e nove mil novecentos e noventa e sete libras a mais do que deveria ser. Todos os cálculos dos seus treze tomos se ressentem desta falta de atenção. Ele repete ainda, segundo Heródoto, que no Egito, quer dizer, num país muito menor do que a França, ordinariamente eram mantidos quatrocentos mil soldados, que se dava a cada um cinco libras de pão e duas libras de carne, portanto, oitocentas libras de carne por dia apenas para os soldados, num país onde quase não se comia carne. Aliás, a quem pertenciam estes quatrocentos mil soldados, se o Egito era dividido em vários pequenos principados? Acrescenta-se que cada soldado tinha seis *arpents* de terra livres de contribuição, logo, eis dois milhões e quatrocentos mil *arpents* que não pagavam nada ao Estado. Entretanto, este pequeno Estado, que mantinha mais soldados do que tem hoje em dia o Grande Senhor, mestre do Egito e de dez vezes mais países do que o Egito contém. Luís XIV teve quatrocentos mil homens sob armas durante alguns anos, mas isto consistiu num esforço que arruinou a França. Se se quisesse fazer uso da razão ao invés da memória, examinar mais do que transcrever, não se multiplicariam ao infinito os livros e os erros. Seria preciso escrever tão somente coisas novas e verdadeiras. O que falta normalmente aos que compilam a história é o espírito filosófico. A maioria, ao invés de discutir fatos com homens, narram contos para crianças. É possível que no século em que vivemos imprimam-se ainda o conto das orelhas de Smerdis⁵, e de Dario⁶, que foi proclamado rei por seu cavalo, o qual rinchou primeiro, e de Senaqueribe, ou Senacabon, cujo exército foi milagrosamente

⁴ O lago construído pelos egípcios, que se comunicava com o Rio Nilo por meio de canais, nos quais havia eclusas que podiam ser abertas e fechadas. As quantias dadas por Voltaire são exatamente as mesmas que se encontram na *História* de Rollin. As mesmas somas são dadas por Dom Calmet, em sua *Histoire universelle, sacrée et profane*, Strasbourg, 1735, volume I, p. 100.

⁵ Smerdis, segundo filho de Ciro, estrangulado por seu irmão Cambises. Como sua morte foi mantida secreta, vários impostores de fizeram passar por ele dentre eles um mago, ao qual outrora Ciro havia mandado cortar as orelhas. O episódio é narrado por Heródoto, *Histórias*, livro III, LXIX.

⁶ Referência ao episódio narrado por Heródoto, nas *Histórias*, livro III, LXXXVI.

destruído por ratos?⁷ Quando se quer repetir tais contos, pelo menos é preciso apresentá-los tais como são.

É permitido a um homem de bom senso, nascido no século XVIII, que nos fale seriamente dos oráculos de Delfos? Ora nos repetem que este oráculo adivinhou que Cresos mandava cozinhar uma tartaruga e um carneiro numa fôrma de torta, ora nos dizem que as batalhas foram ganhas segundo a previsão de Apolo, e dão como razão o poder do diabo. O senhor Rollin, em sua compilação da história antiga, toma o partido do oráculo contra os senhores Van Dalle, Fontenelle e Basnage. “Para o senhor Fontenelle, ele diz, não deve-se considerar como obra de juventude seu livro contra os oráculos”. Temo que este decreto da velhice de Rollin seja cassado no tribunal da razão. Com isto os retores não ganham suas causas contra os filósofos. Basta ver o que diz Rollin em seu décimo tomo, no qual ele quer falar de física: pretende que Arquimedes, querendo mostrar ao seu bom amigo o rei de Siracusa, o poder das potências mecânicas, mandou colocar em terra uma galera, carregá-la duplamente, e a repôs no mar, mexendo um dedo, sem sair de cima de sua cadeira. Vê-se bem que é um retor que fala. Se ele tivesse sido um bom filósofo, teria visto o absurdo do que afirmava.

Parece-me que se quiséssemos aproveitar o tempo presente, não passaríamos nossa vida a nos impregnarmos de fábulas antigas. Eu aconselharia a um jovem que tivesse uma leve tintura destes tempos longínquos; mas gostaria que se começasse o estudo sério da história pelo tempo em que ela se torna verdadeiramente interessante para nós: parece-me que é pelos finais do século XV. A imprensa, que foi inventada neste tempo, começa a tornar a história menos incerta. A Europa muda de face; os turcos, que se espalham por ela, expulsam as belas letras de Constantinopla; elas florescem na Itália, se estabelecem na França, vão polir a Inglaterra, a Alemanha, o setentrão. Uma nova religião separa a metade da Europa da obediência ao Papa. Um novo sistema político se estabelece. Com o auxílio da bússola, se faz a volta da África. O comércio com a China se faz mais facilmente do que entre Paris e Madri. A América é descoberta. Subjuga-se um novo mundo, e nosso mundo é quase inteiramente transformado. A Europa cristã se torna uma espécie de república imensa, na qual a balança do poder é melhor estabelecida do que fora na Grécia. Uma correspondência perpétua liga todas as suas partes, apesar das guerras, suscitadas pela ambição dos reis, e mesmo apesar das guerras de religião, que são ainda mais destrutivas. As artes, que são a glória dos estados, são levadas a um ponto que Grécia e Roma nunca conheceram. Eis a história que todo mundo precisa saber. É nela que não se encontram nem predições quiméricas, nem oráculos mentirosos, nem falsos milagres, nem fábulas insensatas. Tudo nesta história é verdadeiro,

⁷ Rollin conta que o exército de Senaquerib foi exterminado por um anjo, mas não se refere à intervenção de ratos.

com exceção de pequenos detalhes, com os quais só os espíritos pequenos se preocupam muito. Tudo nos diz respeito, tudo é feito para nós. A prata sobre a qual tomamos nossas refeições, nossos móveis, nossos novos prazeres, tudo nos faz lembrar cada dia que a América e as Grandes Índias, e, conseqüentemente, todas as partes do mundo inteiro estão reunidas há mais ou menos dois séculos e meio pelo trabalho de nossos pais. Não podemos dar um passo que não nos advirta da mudança que aconteceu no mundo. Num lugar, são cem cidades que obedeciam ao Papa e que agora são livres. Noutra, fixaram-se por um tempo os privilégios de toda a Alemanha. Lá, forma-se a mais bela das repúblicas num terreno que todo dia o mar ameaça engolir. A Inglaterra reuniu a verdadeira liberdade com a realeza; a Suécia a imita, e a Dinamarca não imita a Suécia. Se eu viajo para Alemanha, a França, a Espanha, em todo lugar encontro os traços desta longa querela que existiu entre as casas da Áustria e de Bourbon, unidas por tantos tratados, que produziram guerras funestas. Não há nenhuma pessoa na Europa cuja sorte estas mudanças não tenham influenciado. Seria o caso depois disto, ocupar-se de Salmanazar e de Mardoquempad⁸, e procurar as anedotas do Persa Caiamarrate e de Sabaco Metofis? Um homem maduro, que se ocupa de coisas sérias, não repete os contos de sua ama de leite.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ROLLIN, C. *Histoire ancienne des Égyptiens, des Carthaginois, des Assyriens, des Babyloniens, des Mèdes et des Perses, des Macédoniens, des Grecs...*, Paris, 1730-1738, 13 vol.

VOLTAIRE, *Oeuvres Complètes*, Société Littéraire Typographique, Ed. Kehl, 1785, t. XXVIII.

VOLTAIRE, *Oeuvres historiques*, Paris, Gallimard, Bibliothèque de la Pléiade, 1957.

⁸ Salmanazar e Mardoquempad, reis da antiga Babilônia.